

Da nostalgia ao futuro: um estudo sobre a estética da década de 1980 a partir da performance do videoclipe de Dua Lipa¹

Pedro Henrique de Sá NOBRE²

Ítalo Rômany de Carvalho ANDRADE³

Centro Universitário Maurício de Nassau Uninassau – João Pessoa, PB
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O presente artigo analisa a nostalgia como performance no videoclipe Break My Heart, de Dua Lipa, a partir de uma estética que remonta à década de 1980. Referências essas que consolidam o álbum Future Nostalgia, acerca das sonoridades e imagens que refletem uma transtemporalidade (SOARES, 2012) no videoclipe. Tendo como recorte as nuances de autores e autoras como Diana Taylor (2013), Janotti Junior (2008), Thiago Soares (2012, 2013), dentre outros, este trabalho buscou compreender como o *pop* permeia a nostalgia como estratégia de marketing e visualidade, a partir das referências usadas por Dua Lipa em seu videoclipe. Os resultados mostram que essas manifestações podem nos dizer sobre uma época (e os reflexos desse passado nostálgico na contemporaneidade) e de como a música *pop* pode ser um dos indicadores desse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Dua Lipa; *mainstream*; performance; pop; nostalgia.

1 APRESENTAÇÃO

O segundo álbum da cantora britânica Dua Lipa, o Future Nostalgia – lançado em 27 de março de 2020 pela gravadora Warner Records – foi um sucesso “meteórico”, devido ao grande número que recebeu nas plataformas digitais, somando mais 6 bilhões de *plays* no *Spotify*. Esse é simplesmente o terceiro disco feminino de toda a história a atingir a marca. O primeiro foi justamente o seu autointitulado “Dua Lipa”, que atualmente soma 8,4 bilhões de *streams*, (número de *plays* recebidos nas plataformas digitais).⁴

Com *singles* que dominaram as paradas de sucesso e um álbum extremamente coeso do início ao fim, logo, no primeiro lançamento do *single* carro-chefe “Don’t Start Now”,

¹Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado do Curso de Jornalismo da UNINASSAU-JP, email: pedronobre02@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNINASSAU-JP. Doutorando pelo Programa de Estudos da Mídia, pela UFRN, email: italoromany@outlook.com

⁴ PORTAL Famosos Brasil. Era “Future Nostalgia” atinge 6 BILHÕES de streams no Spotify e Dua Lipa, mais uma vez, faz história. 2021. <<https://portalfamosos.com.br/future-nostalgia-dua-lipa-6-bilhoes/>>. Acesso em: 06 jun 20

Dua Lipa mostra seu diferencial, com uma música *pop* dançante para as pistas, com elementos da sonoridade da década de 1980. Aclamado pela crítica, sucesso de público, coeso tanto em sonoridade e quanto na identidade visual, o álbum *Future Nostalgia* performa a sonoridade *Disco* e outras batidas que remontam à cena musical nostálgica.

A partir do exposto, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar a nostalgia como performance no videoclipe *Break My Heart*, de Dua Lipa, abordando como a cantora utilizou elementos da década de 1980 para a estética de seu videoclipe. Entre os objetivos específicos, compreender como essas imagens reelaboram as nuances do videoclipe, em relação às referências da era *Disco* usadas pela artista.

Nos anos 1980 o vídeo começa a ser visto como a imagem artística de nosso tempo (MACHADO, 1988), torna-se um importante aliado para os artistas à época, criando um aparato comunicacional. Para Janotti Junior e Alcantara (2018, p. 3), nessa perspectiva, “[...] quando somos convidados a ver um videoclipe [...] estaremos diante de uma articulação entre música e imagem que são entrelaçadas por uma faixa musical com referências de pertencimento a algum gênero musical.” Dessa forma, novas formas de consumo foram proporcionadas por essas audiovisualidades, a partir das estéticas e performances que as imagens dos videoclipes reelaboraram, ganhando notoriedade entre diversos públicos.

Figura 1: Campanha da Versace de 1995 e a capa do *Future Nostalgia*.



Fonte: Observatório da UOL

Dentre as referências de Dua Lipa para a criação do álbum *Future Nostalgia* está “*Confessions on a Dance Floor*”, de Madonna, que traz essa pegada mais dançante da

década de 1980. Além disso, a capa do álbum foi inspirada em uma campanha publicitária da marca de grife Versace de 1995, em que a própria Madonna protagonizou.⁵

O presente trabalho teve como objetivo uma análise de imagens e sonoridades pensando na nostalgia como performance a partir da década de 1980. É de cunho qualitativo que busca realizar um estudo sobre de caráter subjetivo do objeto analisado, no caso, a performance de Dua Lipa em seu videoclipe *Break My Heart*. “O videoclipe é uma fundamental estratégia de promoção desta canção e de um álbum fonográfico” (STRAW, 1993, p.17). Para Soares (2012, p. 134), em uma análise de um videoclipe, faz-se necessário expor as audiovisuais, as percepções, as temporalidades e problemáticas existentes que estão em jogo. “É função da análise também perceber como se dão as lutas ou desafios propostos (quando há) por uma narrativa no videoclipe e de que forma aparecem lugares e são concebidos os espaços temporais.”

Metodologicamente falando, buscamos selecionar cenas que, decerto, refletem a nostalgia da década de 1980 como performance, a partir do conceito de transtemporalidade (SOARES, 2013), ao descrever as formas narrativas presentes no videoclipe, na relação do passado com o presente. Nessa análise, seguimos o que Janotti Junior e Soares (2008) problematizam acerca do videoclipe, das sonoridades: “O percurso da própria canção, as reverberações sonoras existentes na canção, a dinâmica da construção imagética do gênero musical e a narrativa particular do artista protagonista do videoclipe” (JANOTTI JUNIOR; SOARES, 2008, p. 103). Além disso, neste aspecto de análise, buscamos referenciar as obras usadas como cenário e que deram o tom e o ritmo ao videoclipe *Break My Heart*. A ideia foi de buscar aspectos da própria cultura *pop* que evidenciaram a construção imagética do videoclipe. Assim, partimos de uma análise descritiva da obra para permear tais discussões.

2 A ESTÉTICA E PERFORMANCE DO AUDIOVISUAL DA DÉCADA DE 1980

Brilhos, ombreiras, lanteiojas, paêtes foram marcantes na moda da década de 1980. Músicas memoráveis foram também lançadas nessa época, como “Thriller” de Michael Jackson, e “Girls Just Wanna Have Fun” da cantora Cindy Lauper. As músicas

⁵ APÓS copiar Madonna em capa do novo álbum, Dua Lipa conforma inspiração na Rainha do Pop. **Observatório de Música**. 2020. Disponível em: < <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/apos-copiar-madonna-em-capa-do-novo-album-dua-lipa-confirma-inspiracao-na-rainha-do-pop>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

populamente conhecidas como *Disco* trouxeram batidas dançantes com sintetizadores e baterias eletrônicas. A influência da música eletrônica tornou cada vez mais forte e fez surgir vários artistas renomados como Madonna, Cindy Lauper e o lendário Michael Jackson. “Esta influência, iniciada na década de 1980 teve a cantora Madonna como grande referência musical e estética, consolidando assim a cultura *pop* no gênero musical, mas, mais especificamente em itens de moda e tendências” (GOMES DE OLIVEIRA; PERES; GORINI DE OLIVEIRA; BARBOSA, 2015, p. 5). Juntos, marcaram uma época que segue sendo referência até os dias de hoje. Durante o último ano de 2020, artistas da nova geração trouxeram uma nova sonoridade e estética para esta década, como a rapper estaduniense Doja Cat com seu hit “Say So”, e a cantora Miley Cyrus com seu mais novo álbum “Plastic Hearts”, inspirado no rock dos anos 1970 com influências de Stevie Nicks, Blondie e Olivia Newton-John.

A *Disco Music* em grande maioria era consumida por grupos socialmente excluídos, como pessoas negras ou LGBTQIA+ nos Estados Unidos. O gênero cresceu por meio da cultura de clubes, festas noturnas. A era *Disco* lançou muitos artistas como Donna Summer, e consolidou o nome do grupo ABBA em todo o mundo, a título de exemplo. (SOARES, 2013). Com um estilo de música com batidas animadas, roupas coloridas, esses grupos socialmente excluídos começaram a perder o medo de se mostrarem, utilizando a irreverência como uma forma de expressão (SOARES, 2012). Foi nessa época que surgiu o movimento *punk*, que teve sua precursora a estilista britânica Vivienne Westwood. É fato que a moda e estética do anos 1980 impactaram o mundo *fashion*. Monteiro e Soares (2012, p.5) constata, por exemplo, que “as meninas que começam a valorizar Madonna como ícone fashion utilizam essa maneira de se vestir como catalisador de comportamento, como a forma de se identificarem e partilharem ideias.”

Na música *Disco*, seus principais componentes estão a batida reta; o principal instrumento é o baixo, e também o arranjo de cordas. Com a tecnologia cada vez mais forte e o surgimento de sintetizadores e baterias eletrônicas, ficou cada vez mais fácil de gravar uma música em estúdio, por exemplo. Com isso, facilitou a vida de vários artistas para que pudessem mostrar suas criatividade. Bandas como New Order, Depeche Mode, A Flock of Seagull e outras explodiram no mundo, com o uso primário de instrumentos

eletrônicos.⁶ Outro elemento inserido nesta década de 1980 foi o passo de dança *Voguing*, muito utilizado no universo da época.

Os passos da cena *voguing* foram criados em Nova York por comunidades negras e *Latin queen* de Harlem. Usado por *Drag Queens* em bares ao redor do mundo, de modo que as pessoas imitavam as poses que as modelos faziam nos editoriais de moda (em referência à revista *Vogue*). É um símbolo de liberdade e aceitação na comunidade LGBTQIA+ muito identificado em programas como *Rupaul's Drag Race*⁷. Ao analisar o clipe de “Break My Heart”, Dua Lipa traz de volta em uma das cenas esse estilo de dança, trazendo identidade e representatividade para o futuro.

Neste contexto, o *Voguing* teve um papel imprescindível como catarse e empoderamento na cena gay underground, fazendo da dança um misto de movimentos e expressões extravagantes, maximizando todos os trejeitos banidos dos espaços hegemônicos. O corpo dançante do voguer é linguagem que anuncia o empoderamento, auto-aceitação, envolto por uma austeridade gestual que exacerba o senso de pertencimento ao grupo. É também nos corpos que são impressas memórias sobre um tempo de desafetos associados a políticas higienistas do passado, fato este que permite interpretar os corpos dançantes como “lugares de memória” (NORA, 1993), cujos discursos traduzem num empoderamento encontrado na catarse, na dança e na arte (GUSMÃO; GUERRA, 2019, p. 2938).

No final da década de 1980 e começando os anos de 1990, a cantora Madonna lança a música e o videoclipe *Vogue*, colocando os passos de dança no *mainstream*. Sem dúvidas marcou o mundo *pop*, devido a uma estética de dança que era usada como forma de expressão principalmente por grupos LGBTQIA+. “Come on, vogue, let your body move to the music...”.⁸

3 A NOSTALGIA COMO PERFORMANCE

Podemos pensar a performance sob diversas maneiras, desde à relação com seu termo encontrado na língua inglesa, indicando gestos, ritos, apresentações. Segundo Diana Taylor (2003, p. 2, tradução nossa), “as performances funcionam como atos vitais de transferência, transmitindo conhecimento social, memória e um senso de identidade

⁶ ANOS 80: a melhor década da música? Disponível em: <<https://www.sparflex.com.br/anos-80-a-melhor-decada-da-musica/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

⁷ Famoso *reality show* de competições entre *Drag Queens* dos Estados Unidos, apresentado pela Rupaul, referência maior desse universo.

⁸ Pequeno trecho da música “Vogue” de Madonna. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/madonna/63190/>> Acesso em: 29/11/2021.

por meio da reiteração.” A origem da palavra surge na metade do século XX, nos Estados Unidos, através de um novo gênero artístico, em inglês, como *performance art*. “A performance deve ser compreendida a partir dos desenvolvimentos da arte *pop*, do minimalismo e da arte conceitual, que tomam a cena artística nas décadas de 1960 e 1970”.⁹

Em outro nível, a performance também constitui a lente metodológica que permite aos estudiosos analisar eventos como performance. Obediência cívica, resistência, cidadania, gênero, etnia e identidade sexual, por exemplo, são ensaiados e executados diariamente na esfera pública (TAYLOR, 2003, p.3)

Entretanto, a performance não está somente associada à arte e suas vertentes, segundo a autora Adriana Amaral (2018), que acrescenta:

Podemos perceber que o termo performance vem sendo utilizado por diversas correntes da Antropologia, Linguística, Sociologia, estudos de gênero e estudos de Comunicação, entre outros, para entender dinâmicas de construção de identidades e sociabilidades, que podem ser individuais ou coletivas, da ordem do cotidiano ou de eventos pontuais e ‘raros’, sagradas ou profanas, efêmeras ou duradouras, envolvendo sujeitos ‘comuns’ ou célebres e mediadas ou não por Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (AMARAL, 2018, p. 65)

Trazer a questão da performance nos dias atuais se faz fundamental, principalmente no ramo da comunicação. “Significa enfrentar os problemas da visibilidade em uma época na qual, diante dos constantes acionamentos do corpo, via fotografias, selfies, redes sociais, a metáfora da teatralidade se faz presente” (AMARAL, 2018 p. 64). A música é uma forma de comunicação, de performance (SOARES, 2012). vivemos em uma era da música midiática, com a invenção de plataformas de músicas instantâneas, a exemplo do *Spotify*¹⁰, mudando de certo a forma de consumir uma obra musical. A música deixou de ser comercializada em suportes físicos, como o CD, e passou a ser consumida por plataformas digitais, onde tudo é instantâneo e rápido. “Os serviços de streaming oferecem uma solução para a indústria fonográfica, ainda perdida desde a substituição do consumo de discos físicos por arquivos digitais” (KISCHINHEVSKY; VICENTE; DE MARCHIK, 2015, p. 303).

⁹ Disponível em: < <https://arteref.com/performance/o-que-e-performance-saiba-tudo-aqui/> > Acesso em: 27 de out. 2021.

¹⁰ SPOTIFY: plataforma de *streaming* de áudio que permite o usuário ouvir músicas, criar lista de reprodução, escutar podcasts e mais.

A era do álbum *Future Nostalgia*, lançado em abril de 2020, trouxe de volta aos palcos aspectos do *pop* da década de 1980, revisitando performances e estéticas a partir de novas visibilidades midiáticas que a artista Dua Lipa reelabora. O álbum é um marco no *pop* devido a uma nova sonoridade utilizada com referências de sons das décadas de 1970 e 1980. Influências essas que influenciam vários outros artistas como a cantora britânica Kylie Minogue com o seu mais novo álbum intitulado “*Disco*”, na qual Dua Lipa foi convidada para um *remix* em umas das faixas, “*Real Groove*”, trazendo batidas dançantes da época das discotecas. Nessa perspectiva, um conteúdo *mainstream* é considerado comercial e obtém uma grande divulgação por parte dos meios de comunicação, e os anos 1980 que marcaram gerações (MARTEL, 2012).

Dua Lipa nasceu em 1995, na Inglaterra. Ficou conhecida mundialmente após o sucesso estrondoso da faixa “*New Rules*”, em 2015. No mesmo ano assinou seu primeiro contrato com uma gravadora, a Warner Music. Desde então, foi se consolidando na indústria. A cantora foi descoberta no *YouTube*, começando a produzir covers de alguns artistas, como P!nk, Nelly Furtado e Joss Stone. A artista foi construindo sua carreira aos poucos, mas de uma forma rápida e consistente. Algumas parcerias foram surgindo perante sua caminhada como a faixa *Kiss and Make Up* com as coreanas do Blackpink, e o DJ Calvin Harris na música intitulada *One Kiss*, fazendo sucesso na parada dance da *Billboard*¹¹. Ela sem dúvidas teve uma ascensão meteórica em pouco tempo de carreira. “Seu álbum de estreia, *Be The One*, ficou em primeiro lugar nas paradas britânicas, e entre os 10 de vários países da Europa. Recebendo 3 indicações no BRIT Awards do mesmo ano.”¹² No entanto, foi apenas em 2019 que as coisas começaram a tomar proporções gigantescas, quando a cantora foi indicada ao *Grammy Awards* em duas categorias (Artista Revelação e Melhor Gravação), onde acabou levando os dois troféus. Em seu perfil do *Instagram*,¹³ Dua Lipa acumula 72,7 milhões de seguidores, um número impressionante. Em seu canal no *Youtube*,¹⁴ 19,3 milhões de inscritos. No *Twitter*, 8,6 milhões.¹⁵

¹¹ Disponível em: < <https://jovempan.com.br/entretenimento/musica/calvin-harris-e-dua-lipa-estrelam-clipe-de-one-kiss.html> > Acesso em: 29 nov. 2021.

¹² Disponível em: < https://www.purebreak.com.br/famosos/dua-lipa_e546411 > Acesso em: 27 out. 2021.

¹³ INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/dualipa/>

¹⁴ YOUTUBE: <https://www.youtube.com/channel/UC-J-KZfRV8c13fOCkhXdLiQ>. Acesso: em 26 de outubro de 2021.

¹⁵ TWITTER: <https://twitter.com/DUALIPA>

4 A NOSTALGIA DE DUA LIPA

A nostalgia, enquanto cena musical, ganha cada vez mais força e se transforma em um fenômeno cultural, ocasionando para a cultura *pop* um escapismo que recorda diferentes épocas. A nostalgia provém da nossa memória. O indivíduo não pode acessar uma informação que ele não tem, não pode fazer algo que ele não tem conhecimento sobre, em suma, não pode agir de uma forma que ele desconhece (IZQUIERDO, 2011).

Dentro do álbum *Future Nostalgia*, “Break My Heart”, entre outras obras, traduzem a performance da cantora perante a década de 1980. Estamos em uma fase atual que a nostalgia e a sua comercialização acabaram saindo de um nicho de negócio para um grande acontecimento na música, moda e o estilo de vida das pessoas. Algumas coisas se misturam e acabam se mesclando, se tornam um produto de nosso tempo. A internet sem dúvidas contribuiu para que essa nostalgia voltasse à tona. Vários subgêneros da música, produtos e vestimentas tiveram um fator ímpar nessa viralização. Com isso, provou ser um importante aliado no cenário musical ao levar ao topo das paradas músicas inspiradas em gravações de décadas passadas. “Podemos pensar sobre a importância do contexto cultural de onde emergem as performances para compreender os tensionamentos entre corpos, agenciamentos políticos, geográficos e estéticos” (AMARAL, 2018, p.73).

Toda essa onda de nostalgia está ligada ao capitalismo e pelo aumento excessivo do consumo, no qual fez com pessoas entrassem em um modo frenético de produção – um dos efeitos disso é a nostalgia através do consumo. “A magia da satisfação do consumidor faz da nostalgia um grande negócio” (CROSS, 2015, p. 6, tradução nossa). É com essa frase que o autor identifica o consumo da nostalgia um ato para um de alavancar seu negócio, de maneira que traga benefícios para o faturamento da empresa e/ou produto.

A nostalgia reflexiva acalenta fragmentos de memória estilhaçados e temporaliza o espaço. (...) pode ser irônica e bem-humorada. Revela que a saudade e o pensamento crítico não se opõem, pois as memórias afetivas não absolvem a compaixão, o julgamento ou a reflexão crítica. (BOYM, 2008, p. 92, tradução nossa).

O marketing da nostalgia é uma estratégia usada para trazer as emoções afetivas de volta em diversas áreas da comunicação e entretenimento. Assim como Dua Lipa usou a sonoridade da década de 1980 para fazer seu novo álbum, vários outros artistas

decidiram reviver seu passado, como as Spice Girls, anunciando uma nova turnê mundial em 2020.¹⁶

Há décadas, a nostalgia é um poderoso recurso de Marketing, capaz de atrair a atenção, o engajamento e o desejo por novos produtos. Nos filmes, nos carros, na música, na moda, nos eventos e destinos turísticos, no *design* dos eletrodomésticos e nas *hashtags* *#throwbackthursday* que se multiplicam nas redes sociais, entre muitos outros produtos e serviços, o passado faz-se presente como importante dispositivo de mercado (HENRIQUES; SUAREZ, 2021, p. 525).

Stephen Brown, considerado o “pai” do retro-marketing, define o conceito como o “a reanimação ou relançamento de um produto ou serviço de um período histórico anterior, que pode ou não ser actualizado para os padrões contemporâneos de funcionamento.”¹⁷ Dessa maneira, esse tipo de marketing, a nostalgia retrata uma estratégia de mercado que está a cada dia tomando espaço. Entretanto, para o seu desfecho, é necessário a extensão de um posicionamento de valores comuns entre as várias gerações, tendo como exemplo, a espontaneidade, a vontade de facilitar o estilo de vida, a afinidade com pessoas com os mesmos interesses e valores. Para muitas pessoas, a nostalgia deixa um sabor agri-doce na boca, por um lado, é satisfatório reviver toda uma época que marcou sua vida, por outro, um lado triste que talvez aquilo não volte mais.

5 A PERFORMANCE DE DUA LIPA EM “BREAK MY HEART”

O terceiro single do *Future Nostalgia* representa um *pop* dançante para chorar – isso é a própria Dua Lipa que descreve a música. Break My Heart foi lançado em 26 de março de 2020, um pouco antes do lançamento do álbum oficial. Nela, há grandes referências da década de 1980, um clipe bastante colorido e atrativo para o telespectador.

A canção traz um *sample*, ou seja, “usar o sample de outra obra em uma canção pode ser uma forma de homenagear o artista, de retomar um período na história da música ou simplesmente dar origem a uma nova batida.”¹⁸ A cantora utiliza de uma música chamada “Need You Tonight” do grupo INXS, lançada anteriormente em 1987, onde

¹⁶ SPICE Girls voltam aos palcos. **Mega Hits**. Disponível em:

<<https://megahits.sapo.pt/content/5935/spice-girls-voltam-aos-palcos>>. Acesso em: 4 dez. 2021.

¹⁷ Disponível em: <<https://knoow.net/cienceconempr/marketing/retro-marketing/>> Acesso em: 27 out. 2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/blog/por-dentro-do-sample/>>. Acesso em: 27 de out. 2021.

uniu o estilo pop utilizado na melodia combinando uma referência da década da era *Disco*, o que se casou muito bem na proposta lançada, trazendo elementos característicos como uma batida sincopada, baixo proeminente e uso de sintetizadores ao longo da faixa.

No programa Skavlan vinculado pelo *Youtube*, Dua Lipa comentou um pouco mais sobre o conceito da música: “é como uma celebração da vulnerabilidade, é como entender que ser aberta sobre seus sentimentos é um sinal de força e que não tem que ser sempre só ruim, [...], mas quem disse que você não pode dançar com isso?”¹⁹ Nas onze faixas do disco, o álbum permeia por várias sonoridades conhecidas, seja pelo *Disco* – o mais presente – mas também com influências *trip hop* e *acid jazz*. Em *Break My Heart*, durante o tempo em que se constitui um texto musical, a ideia principal da era *Disco* e as batidas escolhidas pela música estão interligadas e lembradas.

Figura 2: Capa do single.



Fonte: Purebreak

A capa do *single* se apoia numa pegada da década de 1980, como a estética da fonte utilizada para referenciar o nome da artista. Como a música diz, o videoclipe de *Break My Heart* começa com Dua Lipa fugindo do amor, com a batida característica usada do *sample*. As principais características desse videoclipe é sua composição de cores

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=baK12jn6osg&ab_channel=Skavlan>. Acesso em: 27 de out. 2021.

chamativas, que remetem à época colorida de 1980. Sua figura aparece primeiramente em uma espécie de trânsito fugindo de um homem ou amor, a partir daí, começa uma cena em que ela entra em um hotel em busca de algo para se distrair e se divertir. Então, entramos em umas das primeiras referências da estética de 1980, trajando um conjunto de roupa lilás da grife Miu Miu que faz referência direta com a coleção dessa era. Logo, a cantora encontra uma pista de dança, onde se encaminha até ela e começa a dançar, fazendo uma clara referência aos passos de *Voguing*, ao mesmo tempo em que a música atinge o primeiro refrão.

Seguindo a tradução da letra da música *“estou me apaixonado por aquele que pode partir o meu coração? oh, não, eu estava melhor sozinha”*, Dua Lipa celebra o empoderamento feminino colocando-se em primeiro lugar na relação, se importando com ela mesma. Seguindo nesse contexto, importante lembrar como a figura de Madonna foi essencial para as causas das mulheres e seus direitos, quebrando paradigmas e tabus na década de 1980. Continuando com a análise, a partir do trecho (*“eu sempre fui aquela que diz o primeiro adeus, tive que amar e perder um milhão de vezes, tive que errar só para saber o que eu gosto”*, tradução nossa), Dua Lipa permeia por vários cenários, encontra um grupo de amigas, que começam a dançar juntas em uma pista de dança.

Figura 3: Cena do filme “O iluminado” seguido de uma cena do clipe de Dua Lipa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O clipe é bem recortado e conversa diretamente com a batida da música, os efeitos visuais ficam cada vez melhores ao decorrer das cenas. Logo em seguida, Dua Lipa é puxada e colocada para dentro de um avião, onde demonstra não saber o que está acontecendo. Assim, temos outra referência do cinema da época. O piso do avião faz uma breve menção ao filme clássico do gênero do terror “O Iluminado”, lançado em 1980, que conquistou vários fãs ao redor do mundo. A história narra a vida de um caseiro que muda para um hotel com sua família, mas ao chegarem lá começam a vivenciar acontecimentos estranhos, até quando descobrem um maníaco aterrorizando os moradores.

Future Nostalgia como um todo celebra o lado feminista da artista, com letras que contestam o machismo. Em entrevista à NME, Dua Lipa disse: “Eu sinto que toda garota percebe esse tipo de coisa. O que fizemos, por muito tempo, foi lidar com tudo o que é jogado na nossa cara. Nos tornamos mais duronas, e mais fortes.”²⁰

O videoclipe segue. Em outra cena, Dua Lipa aparece fugindo de vários pretendentes, inclusive, na seguinte cena ela começa a repetir o refrão da música: “ooh, partir o meu coração, ooh, partir o meu coração” (tradução nossa), enquanto entra novamente em um banheiro, numa espécie de estar se arrumando para curtir com as amigas. Importante destacar que nessa cena temos uma outra alusão ao filme “O Iluminado”, pois o conceito do banheiro da cena do videoclipe é o mesmo da obra cinematográfica. O clipe muda o recorte, e a cantora está lá com suas amigas em uma festa, vestida com um conjunto vermelho, dançando e celebrando sua companhia e suas companheiras. Por fim, o final do clipe vai se aproximando, misturando cenas passadas no clipe. Até que chega aonde o início do clipe começa, no trânsito, com ela em cima de um carro.

Ao todo, a análise do videoclipe, a partir dos estudos de performance, reverbera a cena musical inspirada na era *Disco*, tendo a nostalgia como aporte. Dua Lipa traz essa estética da música para os tempos modernos, uma estratégia que, para muitos, inovadora, fazendo bastante sucesso nas paradas musicais ao redor do mundo. O álbum é uma representação fiel do que compõe a cultura popular nesse momento em que se inicia uma década. Milanez (2019) a respeito da performance do videoclipe explica que:

²⁰ Disponível em: < <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/13/dua-lipa-sobre-feminismo-nao-conseguiriam-me-calar-nem-se-tentassem.htm> > Acesso em: 28 de out. 2021.

O corpo do qual falo no videoclipe é a presença de um corpo performático, inventado pelas cores, pelo figurino, pelo cenário, pelas imagens sonoras e cinematográficas. Esse corpo, portanto, é um corpo de funcionamento em rede que, no nível discursivo, se encadeia a exterioridades históricas marcadas em tempos distintos para contar a história de nosso presente (MILANEZ, 2019, p. 94)

A nostalgia se faz presente durante todo o videoclipe de Break My Heart, a transtemporalidade pode ser ligada por alguns métodos de se articular a narrativas presentes no videoclipe. O atrativo não foi somente as alusões utilizadas, mas como Dua Lipa colocaria o saudosismo para criar a audaciosa nostalgia do futuro – e isso a coloca em um lugar ímpar. A cantora se deu ao trabalho de contar e apresentar o que é a nostalgia dentro da cultura popular na atualidade – e parece ter feito sucesso.

De certa forma, a identidade visual e sonora de *Future Nostalgia* enquanto um produto completo, aborda várias influências, figuração, e estéticas de um passado próximo. A pessoa pós-moderna, em particular que se encontrou em uma pandemia no ano de 2020, necessitou de uma cultura *pop* capaz de contemplar sua necessidade de escapar, de criar uma narrativa, mesmo que repentina, para si. Sendo assim, músicas dançantes, videoclipes atrativos renderam ao público uma ótima opção de escapismo proporcionando divertimento numa fase que foi e está sendo difícil para humanidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das páginas de estudo, concebemos um percurso para entender sobre a performance de Dua Lipa no videoclipe de Break My Heart e explicar o porquê dessa nostalgia, na música, na moda, atualmente. Ao analisar e pensar a performance do videoclipe da cantora, pude observar alguns elementos usados da década de 1980 para os dias atuais, entendendo um pouco mais sobre a nostalgia. Esse saudosismo que está cada vez mais inserido no cotidiano das pessoas. Enxergar o passado com adoração e saudade é algo intrínseco e tende a se aumentar, caso esta visão envolva um período que você não conheceu propriamente e apenas o viu pelos relatos de outras pessoas.

Por outro aspecto, observamos que o marketing da nostalgia está cada vez mais presente. Minha justificativa para o crescimento do “culto ao passado” se deve a essa valorização da cultura nostálgica, apreciada novamente com uma nova roupagem mais atual. Ao longo dos últimos tempos percebemos de diversas tendências e modas de volta na cultura *pop* contemporânea. Ademais, pude perceber a união que a cantora usou para

colocar elementos da cultura *pop* nostálgica em seu mais recente trabalho. A reinterpretção do passado em *Future Nostalgia* mostra como o mercado fonográfico, mais precisamente o mercado da cultura *pop*, pode se reinventar utilizando recursos de inspiraões de artistas que estiveram no passado, trazendo uma nova linguagem para geraão atual.

Esse ponto de vista se concretiza no videoclipe de *Break My Heart*, utilizado como objeto de estudo. Componentes como roupas, sonoridades, caracterizaão, iluminaão, coreografia etc. são importantes para idealizar a “viagem” estabelecida. Pensando em alguns aspectos como a sonoridade, elementos audiovisuais, *mainstream* pudemos compreender o videoclipe da cantora a partir dessa transtemporalidade, porém, com uma proposta de realizar de forma completa uma análise de toda a obra do *Future Nostalgia*. Este artigo procurou levantar a curiosidade, de que forma e como essas manifestaões podem nos dizer sobre uma época, e de como a música *pop* pode ser um dos indicadores desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLINAV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Intercom - RBCC**. São Paulo, v.41, n.1, 2018.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. Nova Iorque: Basic Books, 2008.

CROSS, Gary. **Consumed Nostalgia: Memory in the Age of Fast Capitalism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2015.

GOMES DE OLIVEIRA, Marcelo; PERES, Taigra Tássila; GORINI DE OLIVEIRA, Victória Maria; BARBOSA, Thassiana de Almeida. O eu, o corpo e a moda: reflexos dos anos 80. 11º Colóquio de Moda; 2º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda. **Anais do [...]**, 2015.

GUSMÃO, Roney; GUERRA, Paula. Voguing: alteridade e subversão na pós-modernidade. XIII Colóquio Nacional/VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico – UESB. **Anais do [...]**, 2019.

HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. Nostalgia como prática? Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo de Marketing. **Cad. EBAPE.BR**, v.19, n.3, 2021.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. São Paulo: Artmed, 2011.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; ALCANTARA, João André. Análise das mediaões do pop-popular do videoclipe Flei. **Revista Famecos**, v. 25, n.2, 2018.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; SOARES, Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. **Galáxia**, n.15, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; VICENTE, Eduardo; DE MARCHIK, Leonardo. Em busca da música infinita: os serviços de streaming e os conflitos de interesse no mercado de conteúdos digitais. **Revista Fronteiras**, v.17, n.3, 2015.

MACHADO, Arlindo. **A Arte Do Vídeo**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream: A guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MILANEZ, N. As divas da linguagem: a audiovisualidade dos corpos no videoclipe. In: HASHIGUTI, S.T., ed. **O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019.

MONTEIRO, M. H. e SOARES, T. You Must Be My Lucky Star: A Relevância da cantora Madonna na Gestão de Carreiras da Música Pop. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró. **Anais do [...]**, 2012.

SOARES, Thiago. **A estética do videoclipe**. Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOARES, Thiago. **Videoclipe: o elogio da desarmonia**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

STRAW, W. Popular Music and Post Modernism in the 1980s. In: FRITH, S.; GOODWIN, A. et GROSSBERG, L. **Sound & Vision: The Music Video Reader**. New York, Routledge. p. 3-24, 1993.

TAYLOR, Diana. **The archive and the repertoire: performing cultural memory in the Americas**. Duke University Press, 2003.